

## LIVRAI-NOS DO MAL: A POSSESSÃO COMO COMPLEXO AFETIVO NA PSICOLOGIA DE CARL GUSTAV JUNG<sup>1</sup>

Nicholas Emanuel Rodrigues Reis<sup>2</sup>

Paulo Ferreira Bonfatti<sup>3</sup>

### RESUMO:

O presente artigo busca compreender o fenômeno psíquico da possessão a partir do conceito de complexo afetivo na obra de Carl Gustav Jung. Através de uma revisão bibliográfica, será apresentado como os textos do autor abordam a possessão pelos complexos. Além disso, apresenta-se no artigo a perspectiva histórica do desenvolvimento do conceito de complexo afetivo. Ao realizar a revisão bibliográfica, se percebeu a possessão através de três esferas principais: arquétipos, complexos e cultura. A delimitação da possessão pelos complexos afetivos demonstra que ao longo da obra junguiana há relação desse fenômeno psíquico com a psicopatologia, história, psicologia da religião e cultura. O fenômeno psicológico da possessão pelos complexos aponta para uma fragilidade do eu sobre os conteúdos inconscientes que se apresentam de forma invasiva à consciência. Por conseguinte, o fenômeno denuncia que em toda possessão por complexos haverá conteúdos arquetípicos atuantes. Assim, a temática da possessão pelos complexos não se esgota a partir desse artigo, ressaltando que para compreender ainda mais o fenômeno da possessão será necessário ir além nos conteúdos da possessão pelos complexos afetivos e pessoais. Dessarte, denotamos que há ainda mais profundidade na temática, principalmente no que tange a possessão arquetípica e o inconsciente coletivo.

Palavras-chave: Possessão. Complexos afetivos. Psicologia Analítica. Jung.

### DELIVER US FROM EVIL: POSSESSION AS AN AFFECTIVE COMPLEX IN THE PSYCHOLOGY OF CARL GUSTAV JUNG

### ABSTRACT:

The present article seeks to understand the psychic phenomenon of possession from the concept of affective complex in the work of Carl Gustav Jung. Through a bibliographical review, it will be presented how the author's texts approach possession through complexes. Besides this, the historical perspective of the development of the concept of affective complex is presented in the article. When the bibliographical review was carried out, possession was perceived through three main spheres: archetypes, complexes and culture. The delimitation of possession by affective

---

<sup>1</sup> Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa: Práticas clínicas. Recebido em 05/11/2022 e aprovado, após reformulações, em 30/11/2022.

<sup>2</sup> Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: nichemanuelpsi@gmail.com

<sup>3</sup> Doutor em Psicologia Clínica PUC-Rio, Psicólogo e Docente do Uniacademia. E-mail: paulobonfatti@hotmail.com

complexes demonstrates that throughout Jung's work there is a relationship between this psychic phenomenon and psychopathology, history, psychology of religion and culture. The psychological phenomenon of possession by the complexes points to the fragility of the ego over the unconscious contents that present themselves in an invasive way to consciousness. Therefore, the phenomenon denounces that in every possession by complexes there will be acting archetypal contents. Thus, the theme of possession by complexes is not exhausted in this article, pointing out that in order to understand even more the phenomenon of possession it will be necessary to go beyond the contents of possession by affective and personal complexes. Consequently, we denote that there is still more depth in the theme, mainly in what refers to archetypal possession and the collective unconscious.

Keywords: Possession. Feeling-toned Complexes. Analytical Psychology. Jung.

## 1. INTRODUÇÃO

“If I got rid of my demons, I'd lose my angels”  
(Tennessee Williams)

O que significaria estar possuído? Quão frágil é o corpo diante dos conteúdos do inconsciente? O que deixa um corpo estarrecido ao ser confrontado com os conteúdos mais profundos de si? É possível ser possuído por um demônio? E o demônio, o que seria? Os demônios e os deuses são reais? Se sim, onde estão e o que representam psicologicamente?

Historicamente, o fenômeno da possessão atravessou diversas culturas, sobretudo a cultura ocidental através do cristianismo; há diversas obras que abordam o fenômeno, como o **Martelo das feiticeiras** (KRAMER; SPRENGER, 1997) em que os inquisidores católicos elaboram métodos de identificar e exorcizar o corpo possuído pelo demônio. Atualmente na Igreja Católica há padres que escrevem sobre a possessão e o exorcismo; um dos grandes difusores desta temática é o Pe. Gabriele Amorth (2016), responsável pela criação da Associação Internacional dos Exorcistas, reconhecida pelo Vaticano.

No campo religioso brasileiro, além do catolicismo, podem ser observados os fenômenos de possessão e exorcismo nas denominações pentecostais e neopentecostais – a compreensão do possuído e o ato exorcista baseiam a experiência do fiel que entra em contato com a instituição religiosa (BONFATTI, 2000). Por conseguinte, a possessão foi e é objeto de estudo em diversos campos do saber, como na ciência da religião, antropologia e história; em Jung (2000), a possessão está

essencialmente presente como objeto fenomenológico da psique e foi descrita ao longo da obra do autor em inúmeras ocasiões.

Jung descreve a possessão através de três principais esferas: complexos (JUNG, 2014a, 1981, 2015c, 2012, 2014b, 2013d), arquétipos (JUNG, 2011b, 2014a, 2016, 2000, 2013e, 2016, 2015a, 2011a) e cultura (JUNG, 2013b, 2013f, 2013g, 2011b, 2015b, 2000, 2013h, 2013i, 2013e, 2013j, 2013k, 2013l, 2015a, 2011a, 2013c, 2011c, 2013a, 2015c). O desenvolvimento da possessão na obra junguiana é extenso, tendo o autor dado grande ênfase ao seu fenômeno; a possessão não é considerada um conceito, tendo distintas funções ao longo dos escritos de Jung.

Sendo assim, o objeto de pesquisa delimita sua investigação à possessão por complexos, debruçando-se sobre a obra de Jung através da revisão bibliográfica de seis livros que apresentam o tema da possessão por complexos. Todavia, o artigo elucidará brevemente os conceitos importantes que baseiam a discussão, como os complexos afetivos, arquétipos, inconsciente coletivo e inconsciente individual; o foco dado ao desenvolvimento da teoria dos complexos é maior.

O escrito trará o desenvolvimento histórico do conceito de complexo afetivo e sua importância na Psicologia Junguiana utilizando-se dos escritos de Jung e seus comentadores, como Murray Stein, James A. Hall e Sonu Shamdasani. Acrescentamos que o fenômeno da possessão pelos complexos nas obras revisadas será apresentado através dos livros citados de Carl Gustav Jung; o objetivo de nosso artigo não é esgotar seu fenômeno, mas tentar apresentar como o autor se utilizou do termo possessão para dialogar com sua teoria dos complexos. Sendo assim, relembramos que a possessão pelos complexos afetivos estará presente nos textos mencionados como um fenômeno e não um conceito. O objetivo é compreender à que ela se vincula e qual sua finalidade nos textos revisados.

Além disso, os autores salientam que não se desconsiderará o campo da fé ou espiritualidade, que muito atravessa a temática, ressaltando que o artigo abordará o assunto utilizando-se de jargões, nomenclaturas e linguagem comuns ao campo religioso. Entretanto, tal uso se dá através da análise psicológica desta linguagem, já que ela compõe o fenômeno e seus atravessamentos aqui lembrados – o que nos interessa enquanto pesquisadores é o fenômeno da possessão e sua relevância na psique.

Na opinião de Jung, não havia qualquer campo da iniciativa humana que fosse irrelevante para a psicologia: como em todas as questões humanas, a psicologia estudava o ato e o agente. Jung assumiu como seu dever a máxima de Terêncio, 'nada que seja humano é alheio a mim'. (SHAMDASANI, 2005, p. 33)

## **2 O CONCEITO DE COMPLEXOS AFETIVOS NA TEORIA DE C. G. JUNG**

O tempo histórico em que Jung viveu é pautado pela psiquiatria materialista-positivista, responsável pela transformação das ideias de loucura e saúde mental desde o século XVIII (PADUA, SERBENA, 2018). Essa psiquiatria hegemônica incomodava Jung, que contestava a forma como se abarcava os doentes mentais, restringindo seu adoecimento à fisiologia e fatos causais; buscando sistematizar o adoecimento e ignorando o conteúdo psíquico expresso por aquele que sofre. Ignorava-se o que a linguagem simbólica expressava e o que a doença demonstrava sobre a pessoa e seus dilemas internos. Esse modelo científico-psiquiátrico continha muitos avanços para sua época – entretanto, o jovem Jung desde o início de sua carreira na medicina, pensava de maneira diferente sobre os fenômenos (e a gênese) das doenças. Via como possibilidade o estudo da união entre matéria-espírito através da psique do homem (PERRONE, 2008).

Nesse contexto, Jung começou a participar de debates na Sociedade de Zofíngia, frequentando desde o início do curso de medicina, onde apresentou quatro conferências (PERRONE, 2008). Em Zofíngia, Jung expressava seus pensamentos sobre inúmeros temas. Era um homem que movimentava os círculos de debate já nos tempos de formação em Basel (Suíça), rompendo com a norma estabelecida nos ambientes acadêmicos que frequentava:

O centro de sua inquietação, expresso nas quatro conferências, diz respeito às profundas limitações da ciência ocidental da época. É como se ele se visse soterrado por esse universo que não se abria às questões que a ele já eram as mais tocantes: as limitações da razão diante da realidade, a fragilidade da razão – maior instrumento da ciência – diante de fenômenos de seu interesse como o espiritismo, a parapsicologia e o ocultismo. Posiciona-se a favor da existência de um espaço para a consideração objetiva e desapaixonada desses temas no interior do discurso científico. Ao mesmo tempo combate as bases do materialismo dominante no ensino universitário da época, que despreza a reflexão e as necessidades de caráter espiritual. (PERRONE, 2008, p. 25-26)

A trajetória de formação médica de Jung termina em 1900<sup>4</sup>, partindo para Zurique. Nesta cidade, continua seu trabalho e inicia com mais vigor suas pesquisas acerca dos fenômenos ocultos que tanto lhe cativavam, especializando-se em psiquiatria por conta da “[...] possibilidade de transpor a oposição entre as humanidades e as ciências exatas, no campo em que a matéria e o espírito se unem, o do estudo da psique do homem” (PERRONE, 2008, p. 27).

Em Zurique, começa a atuar como médico assistente no Burghölzli Mental Hospital, coordenado pelo psiquiatra Eugen Bleuler, famoso por suas contribuições no campo da psicopatologia, sobretudo a *dementia praecox*<sup>5</sup>. O interesse de Bleuler pela compreensão aprofundada das doenças mentais possibilitou que Jung fosse autorizado a instalar “[...] uma espécie de laboratório de parapsicologia” (FRANZ, 1992, p. 50) na clínica psiquiátrica do hospital. Nesta clínica, Jung poderia estudar todos os fenômenos psíquicos que lhe interessavam e auxiliar Bleuler em suas pesquisas.

Algum tempo depois, Eugen Bleuler confia à Jung uma pesquisa clínica inspirada em outras pesquisas realizadas na Alemanha, trazidas por Franz Riklin, que foi orientado por Gustav Aschaffenburg (PERRONE, 2008). Aschaffenburg trabalhou conjuntamente com Emil Kraepelin (psiquiatra alemão) em um experimento de associações, onde se buscava compreender estados maníacos e os efeitos da fadiga no doente, como aponta Shamdasani (2005). Lá, com ajuda de alunos e de Franz Riklin, Jung (2012) põe em prática os testes associativos de palavras, dando início às suas postulações sobre o conceito de complexo afetivo.

O objetivo inicial desses experimentos no Burghölzli era obter um instrumento que ajudasse no diagnóstico diferencial dos distúrbios mentais. Esse projeto fracassou, e os pesquisadores descobriram que não tinham condições de diferenciar os gêneros das desordens com base naqueles experimentos. A pesquisa, entretanto, assumiu um novo caráter: a atenção foi redirecionada

---

<sup>4</sup> Os primeiros escritos de Jung podem ser encontrados em **Estudos psiquiátricos** (2013b).

<sup>5</sup> A *dementia praecox* foi objeto de disputa da psiquiatria europeia no século XX, sua terminologia se referia a psicose e a esquizofrenia: “Bleuler começa a empregar o neologismo *esquizofrenias* desde 1906, sendo que esse uso do plural já é uma forma de acentuar sua ruptura em relação ao pensamento kraepeliniano. Não se trataria de uma única afecção, como supunha Kraepelin, mas de um grupo ainda indeterminado de condições com um núcleo psicopatológico comum” (PEREIRA, 2000, p. 161, grifo do autor). Ou seja, os escritos de Bleuler pautavam-se no diagnóstico e na etiologia da esquizofrenia, e segundo Pereira (2000), Eugen Bleuler ampliou a gama de fatores para a compreensão da psicopatologia em questão.

para as perturbações nas respostas. Jung e seu principal colaborador, Frank [sic] Riklin, afirmavam que as perturbações nas respostas eram devidas a associações que haviam sido disparadas pela palavra-estímulo na mente do sujeito. As palavras despertavam o que eles chamavam de complexos emocionalmente carregados. (SHAMDASANI, 2005, p. 60-61).

Logo, Jung (2012) colocou em prática (e aperfeiçoou) o método trazido por Riklin: aplicaram o teste de associação de palavras em pessoas saudáveis, epiléticas, histéricas e em adoecimentos mais graves, como no caso da *dementia praecox*. Neste trabalho, Jung (2012), observou através desse teste que haviam distúrbios que atormentavam a consciência dos indivíduos experimentados<sup>6</sup>. O conteúdo era carregado de forte carga emocional e afetiva, vinculada a suas histórias pessoais. O teste de associação de palavras continha uma gama de palavras que ao serem pronunciadas despertavam estímulos e reações, tanto na fala, quanto no corpo. O conteúdo das palavras não era simples, habitava um local oculto (ou seja, o inconsciente), distante da percepção racional do testado (STEIN, 2006). Este conteúdo observado nos testes foi nomeado de complexos e/ou complexos afetivos.

Analisando os padrões de respostas, ele [Jung] descobriu que as palavras que revelavam a existência de perturbações podem ser tematicamente reunidas. Esses grupos apontam para um conteúdo comum. Quando os sujeitos eram solicitados a falar sobre suas associações com esses grupos de palavras-estímulos, eles eram gradualmente capazes de descrever momentos, em seu passado, que se caracterizavam por sua elevada carga emocional. Usualmente, havia traumas envolvidos. Resultou que as palavras-estímulos tinham despertado associações dolorosas que haviam sido enterradas no inconsciente, e essas associações estressantes eram as causadoras da consciência perturbada. Ao conteúdo inconsciente responsável pelas perturbações da consciência deu Jung o nome de "complexos". (STEIN, 2006, p. 44).

A relevância desta descoberta foi marcante na trajetória do autor, posteriormente Jung nomearia sua psicologia como "Psicologia Complexa", como aponta Shamdasani (2005). Os complexos foram a grande descoberta de Jung no início de sua carreira. O suíço compreendeu que havia elementos potentes que traziam ao indivíduo dilemas e imagens que atormentavam sua vida (PERRONE, 2008); as imagens de um complexo regem os dias do indivíduo, atravessando suas

---

<sup>6</sup> Em seus experimentos, Jung utilizou o galvanômetro, equipamento empregado para medir o tempo de reação e emoções do indivíduo em resposta às palavras. Para maior compreensão de seu uso nos experimentos, é indicado o texto "Investigações psicofísicas com o galvanômetro e o pneumógrafo em pessoas normais e doentes mentais" (JUNG, 2012) presente nos **Estudos experimentais** (JUNG, 2012).

relações afetivas consigo e com os outros. Os complexos demonstraram, portanto, que não há processo psíquico isolado; a teoria dos complexos evidência uma estrutura autônoma, presente na definição do autor ao conceituar sua descoberta:

[O complexo] é a imagem de uma determinada situação psíquica de forte carga emocional e, além disso, incompatível com as disposições ou atitude habitual da consciência. Esta imagem é dotada de poderosa coerência interior e tem sua totalidade própria e goza de um grau relativamente elevado de autonomia, vale dizer: está sujeita ao controle das disposições da consciência até um certo limite e, por isto, comporta-se, na esfera do consciente, como um *corpus alienum* (corpo estranho), animado de vida própria. Com algum esforço de vontade, pode-se, em geral, reprimir o complexo, mas é impossível negar sua existência, e na primeira ocasião favorável ele volta à tona com toda a sua força original. (JUNG, 2014a, p. 43-44).

Os complexos seriam como diabretes, duendes e outras criaturas folclóricas que atormentariam a calma da psique (JUNG, 2014a). Como escreveu Stein (2006), os complexos são como assombrações que entram em uma casa e a bagunçam, povoando seu interior e levando o elemento do caos para lá. Na arte, nas religiões e em todas as esferas da vida, seja ela coletiva ou individual, o indivíduo viveria seus complexos, tentando lidar com suas dificuldades interiores; a compreensão desse povoamento interior é que compõem parte da subjetividade (STEIN, 2006). Os complexos também são estruturas da personalidade; ao lidar com seus complexos, o homem lida com seus mais profundos conteúdos inconscientes (PERRONE, 2008).

O complexo, por ser dotado de tensão ou energia própria, tem a tendência de formar, também por conta própria, uma pequena personalidade. Apresenta uma espécie de corpo e uma determinada quantidade de fisiologia própria, podendo perturbar o coração, o estômago, a pele. Comporta-se, enfim, como uma personalidade parcial. (JUNG, 2013a, p. 88).

Além disso, ao se manifestarem sobre os indivíduos, os complexos denunciariam adoecimentos que atravessam tempos históricos e sociais, como os complexos de um povo após uma guerra ou o trauma de uma crise econômica<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> “Traumas compartilhados são propícios a complexos em comum. Por vezes, são característicos de uma geração. Houve um tempo em que se falou com frequência [sic] de uma ‘mentalidade da depressão’ para caracterizar as pessoas que chegaram à idade adulta na década de 1930 e compartilharam do trauma da Grande Depressão. Hoje falamos do “veterano do Vietnã” e partimos do princípio de que todos os que participaram dessa guerra têm mais ou menos em comum o mesmo tipo de formação de complexo resultante dos traumas de terem lutado nessa guerra”. (STEIN, 2006, p. 50)

(STEIN, 2006). Ademais, Jung (2014a) comenta que a forma como o homem lidava com seus conteúdos interiores foi se modificando ao longo do tempo. Crenças religiosas e espirituais foram substituídas por crenças racionais através da ciência, ou seja, o homem não mais veria seus complexos através da ótica de espíritos e assombrações, mas através do saber médico e organicista.

Quando alguém está sob a emoção de algum complexo costuma-se dizer: “Que foi que lhe aconteceu hoje?”, ou “Está com o diabo no corpo!” etc. Ao usar estas metáforas já um tanto gastas, naturalmente não pensamos mais em seu significado original, embora este seja ainda facilmente reconhecível e nos mostre, indubitavelmente, que o homem mais primitivo e mais ingênuo não “psicologizava” os complexos perturbadores, mas os considerava como *entia per se* (entidades próprias), isto é, como demônios. A ulterior evolução da consciência gerou tal intensidade no complexo do eu ou da consciência pessoal, que os complexos foram despojados de sua autonomia original, pelo menos no uso linguístico comum. (JUNG, 2014a, p. 46).

O homem moderno trancafiaria suas dores e sintomas em explicações médicas, impossibilitando a conscientização e assimilação de seus complexos (JUNG, 2014a). Na falta da conscientização de seus complexos, o homem adoeceria e a medicina lhe traria respostas racionais para seu sofrimento, mas o continente povoado (STEIN, 2006) continuaria dentro de si, atormentando-o com suas imagens não integradas e não compreendidas pela consciência (STEIN, 2006).

Essa racionalização excessiva, além de não auxiliar na compreensão dos complexos internos, poderia acarretar a fragmentação da personalidade (como no caso da *dementia praecox*, já citada acima) e, de modo temporário, o indivíduo perderia o controle de si, sendo governado por forças interiores (JUNG, 2014a); como um ventríloquo, o complexo controlaria os passos, as palavras e as dores do corpo que caminha.

O fato de um indivíduo considerar insignificante o conteúdo de seus complexos, denunciaria como ele é governado pelo mundo interno de cargas afetivas que o habita (JUNG, 2014a); a regência da razão levaria ao descrédito da consciência sobre os complexos, assim, os complexos se tornariam autônomos diante da psique do indivíduo:

Os complexos parecem de tal banalidade e, mesmo, de futilidade tão ridícula, que nos causam vergonha, e tudo fazemos para ocultá-los. Mas, se realmente fossem assim tão fúteis, não poderiam ser ao mesmo tempo tão

dolorosos? Doloroso é o que provoca um sofrimento, portanto alguma coisa verdadeiramente desagradável e, por isso mesmo, importante em si mesma, e que não deve ser menosprezada. Mas há em nós a tendência a considerar irreal, tanto quanto possível, o que nos molesta. A explosão da neurose assinala o momento em que já nada mais se pode fazer com os meios mágicos primitivos dos gestos apotropeicos e do eufemismo. A partir deste momento o complexo se instala na superfície da consciência, não sendo mais possível evitá-lo, e progressivamente assimila a consciência do eu, da mesma forma como esta [...] tentava anteriormente assimilar o complexo. O resultado final de tudo isto é a *dissociação neurótica da personalidade*. (JUNG, 2014a, p. 47, grifo do autor).

Além da descrença nos conteúdos internos e do agravamento da neurose, haveria o que Jung (2014a) nomeou como constelação dos complexos. Ou seja, essa expressão indicaria “[...] que o indivíduo adotou uma atitude preparatória e de expectativa, com base na qual reagirá de forma inteiramente definida” (JUNG, 2014a, p. 44) ao entrar em contato (ou, se conscientizar) com o conteúdo de seus complexos. A constelação dos complexos ocorria, por exemplo, na aplicação do teste de associação de palavras (JUNG, 2012): o entrevistador dizia uma palavra, a pessoa reagia, constelando-se, pois, aquela palavra traria à consciência um conteúdo escuro que não foi iluminado por suas luzes, ou seja, seus complexos afetivos (JUNG, 2012).

Muitas vezes, o estar constelado pode deixar a pessoa ansiosa, assustada ou desinquieta (STEIN, 2006) – o conteúdo é como uma assombração, assusta aquele que não está acostumado a olhar para dentro, já que “[...] toda constelação de complexos implica um estado perturbado de consciência” (JUNG, 2014a, p. 43).

A constelação é um processo automático que ninguém pode deter por própria vontade. Esses conteúdos constelados são determinados complexos que possuem energia específica própria. Quando a experiência em questão é a de associações, os complexos em geral influenciam seu curso em alto grau, provocando reações perturbadas, ou provocam, para as dissimular, um determinado modo de reação que se pode notar, todavia, pelo fato de não mais corresponderem ao sentido da palavra-estímulo. (JUNG, 2014a, p. 44).

Por fim, esse interior povoado, como se refere Stein (2006) aos complexos, teria origem em situações individuais. Entretanto, os campos externos da vida, como família e social, influem suas origens e sua imagem (ou *imago*) – ou seja, as formas como o complexo seria representado, simbolizado, vivido e dito. A base de um complexo é sempre o trauma (STEIN, 2006), ou seja, todo complexo carrega em sua

forma uma instância profunda, essa instância é arquetípica<sup>8</sup>. Para se compreender a instância anterior que possibilita e baseia o trauma, é preciso compreender o que seria arquétipo:

Arquétipo significa um ‘typos’ (impressão, marca-impressão), um agrupamento definido de caráter arcaico que, em forma e significado, encerra *motivos mitológicos*, os quais surgem em forma pura nos contos de fadas, nos mitos, nas lendas e no folclore. Alguns desses motivos mais conhecidos são: a figura do herói, do redentor, do dragão (sempre relacionado com o herói, que deverá vencê-lo), da baleia ou do monstro que engole o herói. Outra variação desse mito do herói e do dragão é a *katábasis*, a descida ao abismo, ou *nekyia*. Os senhores se lembram da *Odisseia*, quando Ulisses *desce ad inferos* para consultar Tirésias, o vidente. O mito do *nekyia* encontra-se em toda a Antiguidade e praticamente no mundo todo. Expressa o mecanismo da introversão da mente consciente em direção às camadas mais profundas da psique inconsciente. Desse nível derivam conteúdos de caráter mitológico ou impessoal, em outras palavras, os arquétipos que denominei *inconsciente coletivo* ou *impessoal*. (JUNG, 2013a, p. 52-53, grifo do autor)

Por conta da instância arquetípica, o trauma basearia a experiência que instaura o complexo, podendo ser vivido pessoal ou coletivamente. Individualmente o trauma pode se instaurar através de conflitos morais; coletivamente o trauma pode se estabelecer a partir de uma experiência de guerra, em que uma geração enfrentou o conflito, perdendo familiares, amigos – ou seja, vivido coletivamente (STEIN, 2006). Além disso, para que o trauma se estabeleça, haverá sempre uma pré-disposição individual que é arquetípica (PERRONE, 2008). Um dos exemplos de instauração dos complexos advém dos escritos de Sigmund Freud, como discorre Stein (2006, p. 57, grifo do autor):

A natureza humana rebela-se contra as restrições da sociedade e da cultura, se estas inibem com excessiva severidade o impulso inato, e isso é uma fonte é fonte adicional de complexos. [...] Foi esta questão de que Freud se ocupou em Viena, uma sociedade que era, no plano formal, sexualmente inibida mas também flagrantemente hipócrita em seus costumes sexuais. Freud demonstrou como os conflitos em tomo da sexualidade têm raízes em padrões psicológicos e produzem neurose. A sexualidade, que está embutida na constituição inata do ser humano, toma-se socialmente incompatível e é,

---

<sup>8</sup> “O trauma cria uma imagem mnêmica emocionalmente carregada que se associa a uma imagem arquetípica e, juntas, essas congelam numa estrutura mais ou menos permanente. Essa estrutura contém uma quantidade específica de energia e pode com esta ligar-se a outras imagens associadas para criar uma rede. Assim, um complexo é enriquecido e ampliado por experiências ulteriores de uma espécie semelhante. Mas nem todos os traumas são de natureza externa ou provocados por colisões abrasivas com o meio circundante. Existem traumas que ocorrem sobretudo no interior da psique individual”. (STEIN, 2006, p. 56).

por conseguinte, separada da consciência e reprimida. Isso gera um complexo sexual em torno do qual se aglomeram os traumas com ele relacionados. Fundamentalmente, o que faz da repressão da sexualidade a fonte de patologia é o insistente imperativo do organismo humano em querer realizar a sua totalidade inata, a qual inclui a sexualidade não-inibida. Não é o conflito entre o indivíduo e a sociedade *per se* que produz o problema neurótico, como Freud argumentou, mas o conflito moral que se produz numa psique que quer negar-se a si mesma, por um lado, mas é forçada a afirmar-se, por outro.

Sendo assim, ao que se refere ao complexo, haverá a multiplicidade das experiências individuais e coletivas<sup>9</sup> que podem provocar sua origem, sempre havendo a pré-disposição individual para que ele se estabeleça, como citado acima. Essa origem diversa concebe as representações imagéticas ao complexo, que são importantes para sua compreensão consciente, ajudando o indivíduo a compreender aquilo que lhe atormenta. Desse modo, é preciso compreender o que seria a *imago* de um complexo, já que ele se manifestará em todos os âmbitos da vida, estando presente nas relações afetivas do indivíduo:

A imagem define a essência da psique. Por vezes, Jung usa a palavra latina *imago* em vez de imagem para referir-se a um complexo. A "imago da mãe" é o complexo da mãe, distinto da mãe real. O ponto é que o complexo é uma imagem e, como tal, pertence essencialmente ao mundo subjetivo; é feito de pura psique, por assim dizer, embora represente também uma pessoa, experiência ou situação real. Não deve confundir-se com realidade objetiva com uma outra pessoa real ou um corpo material. O complexo é um objeto interior e em seu núcleo está uma imagem (STEIN, 2006, p. 51)

Ou seja, a perturbação que um complexo carregaria não seria objetiva; o complexo tem múltiplas representações que possibilitam sua atuação em diversas situações da vida do indivíduo, essas representações múltiplas derivam do inconsciente coletivo e dos arquétipos (HALL, 1995).

Os complexos são formados à medida que as experiências se agregam em torno de determinantes arquetípicos. É como se os arquétipos formassem um

---

<sup>9</sup> Se faz fundamental apontar o que seria inconsciente pessoal e coletivo para Jung (2000, p. 15, grifo do autor): "Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal. Nós a denominamos *inconsciente pessoal*. Este, porém, repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos *inconsciente coletivo*. Eu optei pelo termo "coletivo" pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal; isto é, contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são *cum grano salis* os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo, portanto, um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo"

campo magnético que atrai de forma diferenciada e organiza as experiências. Os arquétipos em si mesmos, são um princípio ordenador de experiências, ao passo que uma imagem que representa um arquétipo é chamada *imagem arquetípica*. As Imagens arquetípicas, tais como as imagens do herói, do dragão, da cruz, do tesouro, etc., [sic] são encontradas, tipicamente, na mitologia, na religião e no folclore. A figura da bruxa, por exemplo, representa uma forma negativa do arquétipo da mãe; quando aparece no sonho de um indivíduo, pode indicar um complexo materno negativo em atividade. Jamais podemos conhecer ou experimentar o arquétipo propriamente dito; experimentamos, com efeito, uma imagem do arquétipo, da mesma forma como o sentimos em atividade pela forma como as imagens são organizadas, por exemplo, num conto de fadas ou num sonho. (HALL, 1995, p. 40, grifo do autor)

Por fim, ao longo do desenvolvimento do conceito, aponta-se que o complexo é tanto pessoal quanto coletivo (HALL, 1995). A vivência de um complexo não se refere apenas a uma experiência pessoal, se refere também à um drama compartilhado por todos os humanos – a vivência arquetípica<sup>10</sup>. E, portanto, a revisão do conceito apontou que o complexo é um edifício mental do humano; os complexos seriam os dilemas em vida, as questões conosco e com o mundo e, sendo assim, poderiam ser ou não ser patológicos (HALL, 1995).

Sendo assim, a teoria dos complexos afetivos expressa que a psique pode ser criativa, no sentido das imagens e símbolos representantes do mundo interno; ao tempo que pode ser perturbadora através dos traumas. A psique baseia a relação com o outro e com o eu individual, que se defende e dialoga com os conteúdos advindos do inconsciente coletivo e pessoal (JUNG, 2014a), delineando as formas de se relacionar do indivíduo.

### **3 A POSSESSÃO COMO COMPLEXO AFETIVO NA PSICOLOGIA DE CARL GUSTAV JUNG**

Como apresentado anteriormente, viu-se como os complexos afetivos são importantes na teoria do autor, abarcando trauma, a *dementia praecox* e a neurose, além de sua ação consteladora na consciência. Além disso, o embate entre consciência e inconsciente gerou inúmeros fenômenos na psique humana, como visto em Stein (2006), um deles é a possessão. Assim, os fenômenos da psique são

---

<sup>10</sup> Para maior aprofundamento na relação entre complexos afetivos e arquétipos, recomenda-se o livro **Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C. G. Jung** (2017), escrito por Jolande Jacobi.

fundamentais para se compreender como esferas distintas da mesma podem atuar sobre a psicopatologia e as relações afetivas do indivíduo, como exposto nos complexos afetivos.

No que compete ao tema da possessão por complexos, o fenômeno é abordado em 6 obras do autor: **A natureza da psique** (2014a); **A prática da psicoterapia** (1981); **A vida simbólica, vol. 2** (2015c); **Estudos experimentais** (2012); **O eu e o inconsciente** (2014b) e **Psicologia do inconsciente** (2013d). Estas obras serão abordadas a seguir pela ordem dos volumes publicados pela Editora Vozes – esta escolha busca apontar as perspectivas do pensamento junguiano sobre o tema.

### 3.1 A POSSESSÃO COMO COMPLEXO EM ESTUDOS EXPERIMENTAIS

Em **Estudos experimentais** (2012), através dos textos “O diagnóstico psicológico da ocorrência” (JUNG, 2012) e “Exposição sumária da teoria dos complexos” (JUNG, 2012) é que o autor aborda a possessão. No primeiro texto, Jung (2012) explana que havia o caso de uma mulher submetida aos testes associativos que não se interessava pelas palavras-estímulo que traziam à tona seus complexos; a paciente se cansava rapidamente e tinha muitas falhas diante dos testes, o que denunciava seu estado patológico. Porém, houve uma melhora após o intervalo de três semanas da aplicação do teste e o autor diz “[...] o tratamento a libertou da possessão do complexo” (JUNG, 2012, p. 418). Jung explica o que seria esse estado de possessão gerado pelo complexo em sua paciente (JUNG, 2012, p. 418):

A personalidade vai se libertando aos poucos da tirania da doença e está novamente em condições de assimilar material objetivo ou, em outras palavras, de se adaptar ao meio ambiente. Permanecem, contudo, como estigmas da histeria, o grande número de falhas, os tempos longos de reação e outras características de complexos, portanto sinais de emotividade patológica que é, como todos sabem, o fundamento psicológico da histeria.

Mais adiante, no segundo texto, Jung (2012) escreve sobre a correlação entre neurose e complexo, onde ambos estão interligados – os complexos são a base da neurose. Jung (2012) observou que os complexos perturbavam as pessoas testadas em seu teste de associação de palavras e muitas vezes ficavam esquecidas e inseguras, o que fazia com que elas não entrassem em contato com o conteúdo de

seus complexos. Desta insegurança e perturbação é que Jung (2012) percebeu a autonomia dos complexos, ou seja, como “[...] vassallos rebeldes” (JUNG, 2012, p. 658) os complexos se apoderam da consciência por conta de sua forte carga emocional, perturbando o indivíduo e destituindo o eu de seu reinado soberano na consciência.

Esta destituição do eu está relacionada ao complexo secundário, atuante na consciência, sendo responsável pelos “[...] delírios histéricos e [...] outras divisões da personalidade” (JUNG, 2012, p. 658). Sendo assim, o complexo se torna uma “[...] espécie de pequena psique secundária” (JUNG, 2012, p. 659). Essa grande batalha entre consciência e complexos demonstra que a autonomia do complexo é possível e flui diante dos sintomas histéricos. Desta forma, é que Jung assinala “[...] que a superstição de todos os povos tem certa razão em afirmar que os histéricos e os doentes mentais eram possuídos por demônios” (JUNG, 2012, p. 659). Ou seja, na cultura, a percepção de um indivíduo dominado por seus complexos aparenta uma possessão por demônios – “[...] a superstição tem razão em falar de possessão, pois os complexos se comportam autonomamente em relação ao eu e lhe impõem uma vontade quase estranha” (JUNG, 2012, p. 659).

O entendimento sobre a autonomia do complexo e dos efeitos sobre a personalidade do doente, auxiliariam Jung (2012) na compreensão dos adoecimentos graves que contêm elementos perturbadores que dão origem ao adoecimento (neste caso, o conteúdo dos complexos afetivos). Paralelamente, a compreensão dos complexos auxiliou Jung (2012) em seus estudos sobre a psicose e a *dementia praecox*, onde o autor observou “[...] a anatomia do complexo como, por exemplo, a força imperiosa das vozes, a obsessão devida a impulsos catatônicos etc.” (JUNG, 2012, p. 659).

Portanto, a possessão esteve vinculada aos sintomas histéricos, a psicose e à *dementia praecox*. Os quadros psicopatológicos e os sintomas descritos como perturbadores, possuindo forte autonomia no campo psíquico e corpóreo – vide a catatonia e as vozes que deram forma ao exemplo de Jung (2012) sobre o fenômeno da possessão por complexos neste volume.

### 3.2 A POSSESSÃO COMO COMPLEXO EM PSICOLOGIA DO INCONSCIENTE

Através do texto “O método sintético construtivo” (JUNG, 2013d) é que se encontra a possessão por complexos no **Psicologia do inconsciente** (2013d). Neste texto, Jung (2013d) explana sobre seu método de compreensão das fantasias e símbolos apresentando o caso de uma jovem e seus sonhos.

A paciente havia trazido um sonho e Jung (2013d) buscou compreendê-lo através da história pessoal da jovem, suas relações afetivas e a simbologia que ele trazia para ela; a análise desses símbolos se daria tanto em esfera pessoal como coletiva (2013d).

Um dos pontos centrais do caso era a relação com uma amiga, que atormentava a jovem, causando incômodo e gerando inúmeras projeções que estagnavam a paciente na relação com seus processos internos. “A paciente não tem consciência de que o obstáculo a ser superado está dentro dela mesma: é uma zona limítrofe, difícil de transpor, que se interpõe à continuidade do processo” (JUNG, 2013d, p. 77).

A não conscientização de que ela é a única responsável por seu destino logo é trazida por uma figura animal em seus sonhos, esse animal representa um perigo mortal para a paciente (JUNG, 2013d). “Esse perigo assemelha-se a uma doença mortal que se forma em algum lugar, secretamente, e é incurável (prepotente)” (JUNG, 2013d, p. 77).

A relação com essa amiga representava incômodo já que a paciente sabia que não poderia mudá-la a seu modo. Logo, começa a compreender que a figura animal que havia sonhado era um caranguejo, esse animal é associado “[...] com o câncer, enfermidade [...]” (JUNG, 2013d, p. 78) – causa-morte da mãe da paciente.

Porém, Jung (2013d) não interrompe a análise do símbolo animal trazido pela paciente apenas em uma explicação causal e pessoal. Ao longo do escrito, o autor descobre que havia uma forte relação desse símbolo animal com a sexualidade da paciente; o símbolo animal representava também o espírito artístico (a mãe da paciente havia conhecido um artista após a morte do marido) e masculino nela, fascinando-a (JUNG, 2013d). “Um tal fascínio *nunca* parte exclusivamente de uma pessoa para a outra, mas é um fenômeno de relação para o qual são necessárias

duas pessoas, já que a pessoa fascinada precisa ter em si uma disposição correspondente” (JUNG, 2013d, p. 79, grifo do autor).

Portanto, essa figura animal representava o masculino na relação com a amiga, possibilitando-a de exercer as funções masculinas na relação; além disso, a figura masculina do artista lhe fascinava por sua identificação consigo mesma, com aquilo que a movia – tanto a figura do artista, quanto a do caranguejo eram figuras que demonstravam a relação inconsciente da paciente (JUNG, 2013d, p. 79)

A possessão neste caso estaria na tentativa da paciente de Jung (2013d) se relacionar com a amiga e de não se permitir viver seu masculino, sendo possuída pela impossibilidade do complexo atuante, aparentemente relacionado à morte da mãe e de estar à sua forma, ou seja, performando o masculino na relação com a amiga.

### 3.3 A POSSESSÃO COMO COMPLEXO EM O EU E O INCONSCIENTE

A possessão nesta obra é compreendida em diversos aspectos, muitas vezes associada aos conceitos de *anima* e *animus*<sup>11</sup>. Entretanto, a possessão pelos complexos é descrita por Jung (2014b) duas vezes em seu escrito. Uma delas aparece no capítulo “A personalidade-mana” (JUNG, 2014b), sendo a possessão vinculada ao complexo autônomo e seu caráter “demoníaco” (JUNG, 2014b, p. 118) através da *anima*. Este caráter demoníaco remete ao escrito de Stein (2006), onde é possível compreender que todo complexo possui uma camada mais profunda, associada ao inconsciente coletivo e seus arquétipos. Portanto, reforça-se que toda *imago* de um complexo terá sua representação coletiva, não apenas individual.

Ainda no capítulo citado, a possessão aparece associada aos complexos autônomos, que são, como Jung (2014b, p. 119) define: “[...] fatores de perturbação que escapam ao controle da consciência, comportando-se como verdadeiros ‘perturbadores da paz’”. Os complexos neste caso estão ligados à conscientização dos conteúdos internos que necessitam ser trazidos para a consciência: “Quanto mais

---

<sup>11</sup> *Anima e Animus* “[...] são imagens psíquicas [arquetípicas]. Cada qual é uma configuração que emana de uma estrutura arquetípica básica. [...] Como as formas fundamentais que subjazem aos aspectos “femininos” do homem e aos aspectos “masculinos” da mulher, são considerados como opostos”. (SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 1988, p. 22) Em resumo, arquétipos do feminino e masculino na psique.

‘complexos’ um homem tiver, tanto mais estará sujeito à possessão” (JUNG, 2014b, p. 123). Ou seja, o possuído será aquele que não foi até “[...] às raízes de seus complexos [...]” (JUNG, 2014b, p. 123).

Visto isso, **O eu e o inconsciente** (2014b) apresenta através do capítulo “A personalidade-mana” (JUNG, 2014b) que a possessão pelo complexo tem raízes mais profundas, que transparecem a consciência e atuam autonomamente sobre o indivíduo – remetendo aos seus primeiros escritos sobre possessão (JUNG, 2012), onde apontava a importância de conscientizar-se dos conteúdos internos e lidar com eles.

### 3.4 A POSSESSÃO COMO COMPLEXO EM A NATUREZA DA PSIQUE

Neste escrito de Jung (2014a) a possessão pelos complexos está relacionada ao campo religioso como campo de manifestação psíquica. Em princípio, diante do texto “Considerações gerais sobre a teoria dos complexos” (JUNG, 2014a), o autor aponta que os complexos sempre estiveram ligados ao trauma – sua base etiológica (2014a). Além disso, escreve que os complexos aparecem sempre “[...] *em forma personificada*, quando são reprimidos por uma consciência inibidora” (JUNG, 2014a, p. 45, grifo do autor).

Os complexos na psicose são manifestos através de vozes, representando “[...] características de pessoas” (JUNG, 2014a, p. 45); a forma de um complexo é comumente representada por demônios na psique do primitivo. Além disso, “[...] a inconsciência do complexo ajuda a assimilar inclusive o eu, resultando daí uma *modificação momentânea e inconsciente da personalidade*, chamada *identificação com o complexo*” (JUNG, 2014a, p. 45, grifo do autor).

A identificação com o complexo, na Idade Média, seria para Jung (2014a) a possessão, sua diferença estaria no grau em que é manifestado, já que “[...] não há diferença entre um lapso corrente de linguagem causado por um complexo e as disparatadas blasfêmias de um possesso” (JUNG, 2014a, p. 48).

Adiante em “Determinantes psicológicas do comportamento humano” (JUNG, 2014a) de 1937, Jung (2014a) diferencia a possessão pelo complexo do conceito de *unilateralidade*, que é próximo ao estado de possessão, entretanto “[...] corresponde

à intenção do indivíduo e é fomentada por todos os meios disponíveis, ao passo que o complexo é visto como prejudicial e perturbador” (JUNG, 2014a, p. 68). Ou seja, a unilateralidade é desejada e é “[...] uma das causas mais importantes dos complexos tão indesejáveis ou, ao inverso, que determinados complexos provocam diferenciações unilaterais de utilidade duvidosa” (JUNG, 2014a, p. 68).

Um pouco mais à frente na obra, na conferência de 1917 intitulada “Os fundamentos psicológicos da crença nos espíritos” (JUNG, 2014a), Jung (2014a) aborda a psique do primitivo diferenciando a ideia de alma e espírito; o espírito seria um objeto hostil ao eu, representando perigo e ameaça. O espírito é sempre projetado no outro, em vozes ou visões (JUNG, 2014a). O espírito é uma ameaça e para se livrar dele, o primitivo se exorciza, sanando a ameaça; o autor o define da seguinte forma: “[...] os *espíritos* são, [...] *complexos inconscientes autônomos que aparecem em forma de projeção*, porque, em geral, não apresentam nenhuma associação direta com o eu” (JUNG, 2014a, p. 262).

Já a alma estaria relacionada ao eu, já que o primitivo vê a alma como parte de si (JUNG, 2014a), e neste caso, perder a alma é um dos grandes temores para ele. Neste caso, havia dois temores relacionando alma-espírito-complexo-doença: perder a alma ou ser possuído por um espírito (2014a). E, segundo Jung (2014a), essa relação apontaria para a existência de “[...] complexos inconscientes que normalmente pertencem ao eu [complexos das almas] e de complexos que não deveriam estar ligados ao eu [complexos dos espíritos]” (JUNG, 2014a, p. 263). E, portanto, dá margem para a compreensão do inconsciente em Jung (2014a) que se divide em *inconsciente pessoal* e *inconsciente coletivo*.

E assim, em **A Natureza da psique** (2014a) demonstra como os complexos estão associados à ideia da patologia, principalmente na psicose e na neurose. As vozes, as projeções e a unilateralidade são associadas diretamente a possessão pelos complexos (JUNG, 2014a), demonstrando que imagem e linguagem são fundamentais para a compreensão do inconsciente e seus fenômenos.

### 3.5 A POSSESSÃO COMO COMPLEXO EM A PRÁTICA DA PSICOTERAPIA

Em **A prática da psicoterapia** (1981), na conferência “Medicina e psicoterapia” (JUNG, 1981), Jung (1981) discorre sobre o diagnóstico e seu uso. O autor escreve que ao “[...] correr dos anos, acostumei-me a não precisar do diagnóstico específico para a neurose em geral” (JUNG, 1981, p. 83). O importante para ele era compreender o complexo que atua sobre o quadro neurótico atendido e, portanto, “[...] o reconhecimento da doença depende por isso muito menos do quadro clínico da enfermidade do que dos complexos nela contidos” (JUNG, 1981, p. 83). E prossegue:

O diagnóstico psicológico visa ao diagnóstico dos complexos e, por conseguinte, à formulação de fatos que seriam antes camuflados do que mostrados pelo quadro clínico da doença. A origem do mal, propriamente dita, tem que ser detectada dentro do complexo, que representa uma grandeza psíquica relativamente autônoma. O complexo prova sua autonomia pelo fato de não se ajustar à hierarquia da consciência, ou seja, de opor uma resistência efetiva à vontade. (JUNG, 1981, p. 83)

Em seguida, aponta que crenças milenares (JUNG, 1981) compreendiam o adoecimento psicótico e neurótico como possessões, “[...] já que o observador ingênuo não consegue fugir à impressão de que o complexo representa algo como um governo paralelo ao eu” (JUNG, 1981, p. 84). Por conseguinte, a possessão é abordada de forma breve em **A prática da psicoterapia** (1981), porém, é de importância, como Jung (1981) demonstra, a crença de que aquilo que destrona o eu de sua governança será nomeado como possessão.

### 3.6 A POSSESSÃO COMO COMPLEXO EM **A VIDA SIMBÓLICA, VOL. 2**

Neste último volume das obras completas do autor, encontra-se a possessão pelos complexos no artigo nomeado de “A psicologia profunda” (JUNG, 2015c), em que o autor revisa sua teoria, seus primeiros escritos e discorre sobre a *psicologia profunda* (JUNG, 2015c). Brevemente escreve sobre a autonomia do complexo e sua ação inconsciente; apresenta o ato de personificação do mesmo e diz que quando os complexos são personificados acabam “[...] assumindo, com a crescente dissociação e autonomia, o caráter de personalidades parciais (daí vem a antiga concepção das neuroses e psicoses como estados de possessão)” (JUNG, 2015c, p. 58)

Prosseguindo, Jung (2015c), analisando os processos históricos e culturais da modernidade em “Notas marginais sobre a história contemporânea” (2015c), observa

que a “[...] antiga possessão não se tornou obsoleta, só mudaram os nomes: antigamente o nome era ‘espírito maligno’, hoje é ‘neurose’ ou ‘complexos inconscientes’” (JUNG, 2015c, p. 186). Os possuídos pelos seus complexos teriam agora megafones que regiam o povo e a nação (JUNG, 2015c); sua cegueira inconsciente agora poderia “[...] destruir um destino humano, amainar uma família e atuar durante gerações como uma maldição dos atridas” (JUNG, 2015c, p. 186).

Já em “Verbetes ‘Demonismo’” (2015c), encontra-se a possessão pelos complexos de forma indireta em um pequeno texto de Jung (2015c) sobre demonismo ou demonomania.

[Demonomania é] um estado peculiar da mente em que certos conteúdos psíquicos, os chamados complexos, assumem em lugar do eu, ao menos temporariamente, o controle de toda a personalidade, de modo a suspender a vontade livre do eu (JUNG, 2015c, p. 240)

A consciência pode fazer-se presente ou não neste estado, caracterizando-se como um fenômeno primitivo e “[...] pode ser provocado deliberadamente como transe, por exemplo no xamanismo, espiritismo etc” (JUNG, 2015c, p. 240). E caracteriza-se dentro da temática da possessão através da compreensão psíquica:

[...] o demonismo pertence em parte ao campo das neuroses psicógenas e, em parte, à esquizofrenia. Pode também manifestar-se como epidemia. Uma das epidemias mais famosas da Idade Média foi a possessão das Ursulinas de Loudun (1632-1633). Fazem parte da forma epidêmica do demonismo as psicoses coletivas de natureza religiosa e política como, por exemplo, as do século XX (JUNG, 2015c, p.240).

Em **A vida simbólica, vol. 2** (2015c) foi possível observar a importância do diálogo de Jung com a história, psicopatologia e a religião, como no caso do verbete, citado acima. Além disso, constatou-se que a compreensão dos complexos e da possessão cada vez mais se ampliou no último volume das obras completas, estando diante de fatos históricos e clínicos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou apresentar ao leitor o desenvolvimento histórico do conceito de complexo afetivo vinculado a possessão. Sendo assim, a apresentação dos textos

e a teoria dos complexos apontaram que a temática está inserida no campo da psicopatologia. A possessão por complexos abrange a análise histórica, clínica e fenomenológica de temas como política e religião.

Dessarte, o autor utilizou-se da possessão para dialogar com casos clínicos (JUNG, 2012, 2013d), psicopatologia (JUNG, 1981, 2012, 2014a, 2014b, 2015c,) e fenômenos histórico-culturais (JUNG, 2014b, 2015c). Além disso, compreendeu-se nesta revisão que a possessão esteve presente no desenvolvimento da teoria dos complexos afetivos, sendo utilizada como fenômeno para que o autor exemplificasse como a cultura vê e compreende um indivíduo que vivencia os seus complexos afetivos de maneira psicopatológica (JUNG, 2012).

A figura do demônio, deu forma e imagem aos complexos (JUNG, 2012) que possuíam os indivíduos; Jung (2012) aponta que aqueles que estivessem possuídos por seus complexos eram vistos com 'demônios no corpo'. A figura do demônio denunciaria que por trás de todo complexo haverá um arquétipo atuante, sendo assim, a possibilidade de discussão sobre a possessão arquetípica se faz necessária.

Porém, como apresentando anteriormente, a delimitação do nosso objeto faz com que a discussão e ampliação do tema esteja restrita à temática dos complexos. A instância arquetípica atravessa a maioria dos textos apresentados e foi primordial ao longo do artigo, ou seja, a separação entre inconsciente pessoal e inconsciente coletivo é inviável. Arquétipos e Complexos estão entranhados na temática da possessão.

Portanto, a possessão é um tema extenso e abre possibilidades para a discussão e ampliação do debate sobre os tópicos já apontados: psicopatologia, arquétipos, cultura e história. Esses quatro temas abrangem a discussão, abrindo possibilidades para futuras pesquisas sobre possessão e exorcismo, visto que a temática abrange o campo da psicologia da religião, por exemplo.

Desse modo, o conteúdo encontrado toca pequenas partes da obra do autor. Jung não elabora de forma profunda a possessão por complexos; a possessão por complexos afetivos se daria a partir do momento em que o conteúdo carregado de forte carga afetiva possuiria a psique. O que compreendemos neste artigo é que a possessão por complexos denuncia a unilateralidade na psique possuída, muitas vezes representada pela figura do demônio.

Psicologicamente os demônios nada mais são do que interferências do inconsciente, isto é, irrupções espontâneas na continuidade do processo consciente por parte de complexos inconscientes. Os complexos são comparáveis a demônios que perturbam caprichosamente nosso pensar e agir, razão por que a idade antiga e média consideravam possessão do demônio as graves perturbações neuróticas. (JUNG, 2015b, p. 114)

Além da unilateralidade, a possessão auxilia na compreensão das imagens manifestas pela psique. Como visto nos textos, há um mar de imagens coletivas e pessoais nos complexos afetivos; as imagens contidas em um complexo é que dão forma as vozes e as visões na *dementia praecox*:

Entre as psicoses, revelou-se em primeiro lugar a *dementia praecox* como uma doença tipicamente de complexo, ao menos em seus estágios iniciais. (Considero secundárias as mudanças anatômicas observadas, mas ainda incertas). Nesta doença é possível observar, às vezes com evidente clareza, a anatomia do complexo como, por exemplo, a força imperiosa das vozes, a obsessão devida a impulsos catatônicos etc. (JUNG, 2012, p. 659, grifo do autor)

Sendo assim, a compreensão dos conteúdos simbólicos do possuído auxiliariam na descoberta de seus conteúdos mais profundos, já que a possessão é a manifestação de seus complexos afetivos e suas imagens psíquicas. Compreender as imagens desse complexo auxiliaria no caminhar pelo entendimento de um estado possuído e suas ações na psique, como a dissociação neurótica da personalidade, a psicose e a *dementia praecox*. Entretanto, como visto em Jung (2013d), a iluminação desses conteúdos encobertos no inconsciente pessoal levará à conteúdos ainda mais submersos que estarão no inconsciente coletivo.

Neste sentido os autores discorrem que a delimitação do complexo afetivo para o tema da possessão se faz entender que, novamente, a base de uma possessão por complexos estará além de uma explicação causal. Acreditamos que se aprofundado o tema, principalmente na análise de casos de possessão demoníaca e outras situações coletivas, como o caso das Ursulinas de Loudun (JUNG, 2015c), se terá maior arcabouço teórico para a ampliação do tema que não se encerra apenas na possessão pelos complexos.

Por fim, o artigo buscou apresentar como possessão e complexos podem estar ligados na temática da fenomenologia do inconsciente. Apesar do conteúdo pequeno expresso por Jung em seus textos, acreditamos que se vinculado aos temas já citados,

se terá uma melhor compreensão do fenômeno possuidor, não apenas em relação aos complexos afetivos, mas também aos arquétipos e o inconsciente coletivo.

## REFERÊNCIAS

AMORTH, Gabriele. **Vade retro, satanás!**. São Paulo: Canção Nova, 2016

BONFATTI, Paulo. **A expressão popular do sagrado: Uma análise psico-antropológica da Igreja Universal do Reino de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2000

FRANZ, Marie-Louise von. **C.G Jung – Seu mito em nossa época**. São Paulo: Cultrix, 1992

HALL, James A. **A experiência junguiana: análise e individuação**. São Paulo: Cultrix, 1995

JACOBI, Jolande. **Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C.G. Jung**. Petrópolis: Vozes, 2017

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. Petrópolis: Vozes, 2014a

JUNG, Carl Gustav. **A vida simbólica: escritos diversos**, vol. 1. Petrópolis: Vozes, 2013a

JUNG, Carl Gustav. **A vida simbólica: escritos diversos**, vol. 2. Petrópolis: Vozes, 2015c

JUNG, Carl Gustav. **Ab-reação, análise dos sonhos e transferência**. Petrópolis: Vozes, 2011c

JUNG, Carl Gustav. **A prática da psicoterapia**. Petrópolis: Vozes, 1981

JUNG, Carl Gustav. **Aspectos do drama contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 2013i

JUNG, Carl Gustav. **Civilização em transição**. Petrópolis: Vozes, 2013e

JUNG, Carl Gustav. **Estudos psiquiátricos**. Petrópolis: Vozes, 2013b

JUNG, Carl Gustav. **Estudos experimentais**. Petrópolis: Vozes, 2012

JUNG, Carl Gustav. **Estudos alquímicos**. Petrópolis: Vozes, 2016

JUNG, Carl Gustav. **Freud e a psicanálise**. Petrópolis: Vozes, 2013g

JUNG, Carl Gustav. **Interpretação psicológica do Dogma da Trindade**. Petrópolis: Vozes, 2013l

JUNG, Carl Gustav. **Mysterium Coniunctionis**: os componentes do Coniunctionis; Paradoxa; Personificação dos opostos. Petrópolis: Vozes, 2015a

JUNG, Carl Gustav. **Mysterium Coniunctionis**: Rex e Regina; Adão e Eva; A conjunção. Petrópolis: Vozes, 2011a

JUNG, Carl Gustav. **O espírito na arte e na ciência**. Petrópolis: Vozes, 2013c

JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2014b

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000

JUNG, Carl Gustav. **Presente e futuro**. Petrópolis: Vozes, 2013h

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do Inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2013d

JUNG, Carl Gustav. **Psicogênese das doenças mentais**. Petrópolis: Vozes, 2013f

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e religião**. Petrópolis: Vozes, 2013k

JUNG, Carl Gustav. **Símbolos da transformação**. Petrópolis: Vozes, 2011b

JUNG, Carl Gustav. **Tipos psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 2015b

JUNG, Carl Gustav. **Um mito moderno sobre coisas vistas no céu**. Petrópolis, Vozes, 2013j

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **Malleus Maleficarum**: o martelo das feiticeiras. Rio de Janeiro: Record, 1997

PADUA, Elisângela Sousa Pimenta de; SERBENA, Carlos Augusto. Reflexões teóricas sobre a psicologia analítica. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo, v. 38, n. 94, p. 123-130, jan. 2018. Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-711X2018000100012&lng=en&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2018000100012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 28 set. 2022

PEREIRA, Mario Eduardo Costa. Bleuler e a invenção da esquizofrenia. **Rev. Latinoam. Psicop. Fund.**, III, 1, 158-163, 2000. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/7DTmXKJzw8JbbDcRP97W6Hy/?lang=pt>. Acesso em 28 set. 2022

PERRONE, Maria Paula Monteiro Silveira Bueno. **Complexo**: conceito fundante na construção da psicologia de Carl Gustav Jung. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-30072009-135120/pt-br.php#:~:text=Complexo%3A%20conceito%20fundante%20na%20construção%20a%20psicologia%20de%20Carl%20Gustav%20Jung&text=A%20pesquisa%20investi>

ga%20a%20história,primeiros%20anos%20do%20século%20XX. Acesso em: 09 set. 2022

SAMUELS, Andrew; SHORTER, Bani; PLAUT, Alfred. **Dicionário crítico de análise junguiana**. Rio de Janeiro: 1988

STEIN, Murray. **Jung**: O mapa da alma. São Paulo: Cultrix, 2006

SHAMDASANI, Sonu. **Jung e a construção da psicologia moderna**: o sonho de uma ciência. Aparecida: Idéias & Letras, 2005